

**INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO CIÊNCIA E TECNOLOGIA DE  
RONDÔNIA - *CAMPUS* CACOAL**

**GEPOLÍTICA E IDEOLOGIA NOS VÍDEOS  
DA BRASIL PARALELO**

**Acadêmica: CARLA DAIANE ALMEIDA ALVES**

**CACOAL – RO  
2022**

# GEOPOLÍTICA E IDEOLOGIA NOS VÍDEOS DS BRASIL PARALELO

Carla Daiane Almeida Alves<sup>1</sup>

Mauro Henrique Miranda de Alcântara<sup>2</sup>

## RESUMO

Na história da humanidade a tecnologia foi um enorme avanço para a sociedade. A internet surgiu na época da Guerra Fria, pelos norte-americanos, para melhorar comunicação e diminuir ataques de inimigos. No final dos anos 90 a internet diminuiu as fronteiras e transformou o acesso e a construção do conhecimento. O Youtube é uma plataforma em que os usuários compartilham e visualizam conteúdos diversificados, e de todo tipo de qualidade. É por esta plataforma que a empresa Brasil Paralelo vem produzindo conteúdos sobre História e Política do Brasil. Uma de suas produções, o “Congresso Brasil Paralelo”, buscou apresentar as premissas de onde parte a empresa para produzir seus materiais. Para esse trabalho, buscamos analisar o capítulo intitulado do “Impeachment do Apogeu a Queda”, o qual a Brasil Paralelo buscou analisar o processo de impedimento da Presidente Dilma Rousseff. As narrativas do documentário não partem de uma análise documental do período e do processo, tampouco do depoimento de profissionais que analisaram e estudaram o momento histórico. Identificamos que o material busca projetar a política ideológica da empresa, e como o impeachment colaborou na projeção e consolidação da direita no Brasil. O Objetivo desse trabalho é analisar as estratégias ideológicas e geopolíticas nas narrativas do vídeo. Partindo do conceito de análise de ideologia de Löwy e mitologias políticas de Girardet, analisamos o material e identificamos que a proposta do vídeo foi construir uma narrativa da direita sobre o processo.

**Palavras-Chave:** Impeachment, Comunismo, Esquerda, Brasil Paralelo e Negacionismo.

## ABSTRACT

In the history of mankind, technology has been a huge advance for society. The internet emerged during the Cold War, by the Americans, to improve communication and reduce enemy attacks. In the late 1990s, the internet reduced borders and transformed access to and construction of knowledge. Youtube is a

---

<sup>1</sup> Acadêmica do Curso de Licenciatura em Geografia, do Instituto Federal de Rondônia, *Campus* Cacoal. E-mail: [carladaiane.alves94@gmail.com](mailto:carladaiane.alves94@gmail.com)

<sup>2</sup> Professor do Instituto Federal de Rondônia. Doutor em História. E-mail: [mauro.henrique@ifro.edu.br](mailto:mauro.henrique@ifro.edu.br).

platform where users share and view diverse content of all kinds. And it is through this platform that the company Brasil Paralelo has been producing content on the History and Politics of Brazil. One of its productions, the “Congresso Brasil Paralelo”, sought to present the premises from which the company starts to produce its materials. For this work, we seek to analyze the chapter entitled “Impeachment of Apogeu a Queda”, which Brasil Paralelo sought to analyze the process of impeachment of President Dilma Rousseff. The documentary narratives do not start from a documentary analysis of the period and the process, nor from the testimony of professionals who analyzed and studied the historical moment. We identified that the material seeks to project the company's ideological policy, and how impeachment collaborated in the projection and consolidation of the right in Brazil. The objective of this work is to analyze the ideological and geopolitical strategies in the video narratives. Starting from the concept of analysis of Löwy's ideology and Girardet's political mythologies, we analyzed the material and identified that the purpose of the video was to build a right-wing narrative about the process.

**Keywords:** Impeachment, Communism, Left, Parallel Brazil and Denialism.

## Introdução

A internet é uma rede mundial que tem como objetivo interligar computadores para fornecer ao usuário o acesso a diversas informações. Com o avanço da tecnologia da informação vem, cada vez mais aumentando inúmeros públicos e a procura de diversos conteúdos para entreter e ao mesmo tempo, buscam aprendizagem. E essas plataformas são carregadas de conteúdos de diversos tipos de qualidade, diante desse cenário, a empresa Brasil Paralelo tem conquistado diferentes espaços, com destaque para as redes sociais. Atualmente, o canal da empresa no Youtube possui milhões de seguidores com inúmeros vídeos publicados e que abordam diversas temáticas. Também são responsáveis por um site, que hospedam todos conteúdos produzidos pela empresa e outra para ser seguidor e ter acesso exclusivo a todos os documentários e séries é necessário que contribua com uma mensalidade.

A importância dessas mídias pode ser verificada pelos números de visualizações nas redes cibernéticas. Na atualidade o Youtube é uma das mídias sociais digitais mais acessada no país. E é nesta plataforma que indivíduos e empresas têm disponibilizados os seus conteúdos, com a pretensão de educar e/ou entreter. A empresa Brasil Paralelo, criada no ano de 2016, em Porto Alegre-RS, está diretamente relacionada com essa realidade. Ela produz conteúdo sobre política, história e atualidades com o objetivo de construir conteúdos diferenciados, ou, como eles costumam dizer, “revisionista da história”. A empresa alega que não conhecemos a “verdadeira história” e por isso produz conteúdos, vendendo a ideia da divulgação de um “verdadeiro-conhecimento histórico”.

Todavia, para além de buscar construir conteúdos revisionista da História, no canal Brasil Paralelo há diversas séries que discutem/abordam variadas temáticas: Covid-19, Educação, Política, etc. Entre eles, há uma série intitulada “Congresso Brasil Paralelo”. Nesta série, através do depoimento de diversos personagens ligados a direita e extrema direita- brasileira, eles discutem temas relacionados a política, economia e cultura. Entre os vídeos da série, há um que aborda a deposição da presidente Dilma Rousseff. Trata –se do capítulo seis, intitulado “O Impeachment do Apogeu a Queda”. O impedimento da Presidente

Dilma pode ser lido a partir desse conteúdo como um importante marco histórico brasileiro, que tem sido discutido a partir de livros, estudos, análises, discussões e controvérsias na história política do Brasil. Deste modo, o objetivo principal deste trabalho é analisar este capítulo da série “Congresso Brasil Paralelo”, para identificar quais são as narrativas que a direita e a extrema-direita brasileira construíram (e constroem) sobre o impeachment da presidente Dilma Rousseff. A partir disso, pretendemos verificar como tais narrativas podem estar diretamente relacionadas a disseminação de conteúdos vinculados a ideologia da direita no mundo. E assim, verificaremos a possibilidade de uma relação entre ideologia da direita e a geopolítica contemporânea.

Com o desenvolvimento deste trabalho, esperamos poder colaborar com o debate sobre a dimensão pública das discussões geopolíticas e, principalmente, contribuir com elucidações e explicações sobre as formas, objetivos e interesses políticos da empresa Brasil Paralelo na produção e disponibilização de conteúdos históricos dentro da ideologia e geopolítica presentes nas redes e mídias sociais.

### **O conteúdo do Brasil Paralelo: estado da arte**

A empresa Brasil Paralelo, criada em 2016, na cidade de Porto Alegre – RS, vem obtendo sucesso nas mídias sociais digitais, principalmente em seu canal no Youtube, ao produzir e divulgar vídeos de conteúdo político e histórico. Os responsáveis e proprietários da empresa, descrevem que o objetivo é apresentar a “verdadeira história”, numa clara intenção de desvirtuar e deslegitimar o conhecimento acadêmico, produzida por cientistas, que produzem conhecimento a partir de preceitos teóricos e metodológicos, de levantamento e análise de fontes, por verificação e avaliação dos pares, assim como exige uma produção científica.

Por essa perspectiva e, principalmente, pelo sucesso que vem conseguindo obter, a empresa e principalmente seus conteúdos, vem sendo objetos de pesquisas e produções científicas na academia.

De acordo com o artigo de Mônica Mourão (2019), a empresa Brasil Paralelo utiliza a estética para impactar a “verdade” que querem disseminar na sociedade. Segundo a autora, a empresa Brasil Paralelo constrói um discurso no qual a história e os conteúdos escolares, são pautados pela ideologia de

esquerda no Brasil. Na série “Congresso Brasil Paralelo”, representantes da empresa discorre sobre a tentativa de levar seus conteúdos para as escolas, na busca, segundo eles, de apresentar um conteúdo que contraporá à ideologia de esquerda. Contudo, argumentam no vídeo que a proposta não foi bem recebida pela rede pública e privada da educação (BRASIL PARALELO, 2016). Segundo Mourão (2019) a empresa Brasil Paralelo não aceitou as respostas negativas que recebeu. A partir disso, passaram então, elaborar e divulgar em um canal do Youtube, suas produções. Buscaram construir seus conteúdos a partir de opiniões de vários personagens da sociedade brasileira, narrando e relatando sobre os períodos históricos, como se tivessem vivido esses momentos. Contudo, os autores dos vídeos, não possuem formação universitária, formação como pesquisadores/as das humanidades e/ou prática como docentes.

A empresa alega não contar com recurso público para manutenção de suas atividades. Segundo seus criadores, são autofinanciados, a partir das assinaturas em seu canal, cursos on-line e monetização dos vídeos. Todavia, o canal da empresa no Youtube, conta com importantes personagens políticos contemporâneos e que, inclusive, estão no poder: o atual Presidente do Brasil, Jair Bolsonaro e seus três filhos, são conhecidos apoiadores do canal. Para Mourão (2019), essa relação entre a empresa e a família presidencial, demonstra a afinidade e proximidade do canal com o poder político, bem como, clarifica a ideologia de qual parte para construção de seus conteúdos: a extrema direita brasileira.

Conforme menciona em seu trabalho Márcia Buzalaf (2019), a empresa Brasil Paralelo surgiu por um grupo de gaúchos que criaram um canal no Youtube, para divulgar conteúdos históricos. O filme da empresa “Entre Armas e livros”, objeto de estudo da pesquisadora, constrói uma narrativa de distorção da história brasileira no período da ditadura Militar. Sem leitura bibliográfica e fundamentos teóricos metodológicos da história, eles modulam o conteúdo, a partir das suas convicções e leitura ideológica da sociedade. Buzalaf (2019) menciona que, para a empresa, a história é uma disciplina dominada pela ideologia de esquerda, e que o papel que eles buscam exercer, é de revisar esses conteúdos, e apresentar uma “verdadeira história”.

Contudo, o conteúdo produzido e divulgado pela Brasil Paralelo, em geral, é realizado a partir da participação de personagens que não possuem

conhecimentos sobre o tema abordado, como escrevemos acima, e, principalmente, que não fazem ou fizeram pesquisas, e dessa forma, não apresentam provas/documentos/leitura sobre o que se discute no vídeo. São personagens frequentes nos vídeos da empresa: Olavo de Carvalho, Lucas Berlanza, Rafael Nogueira, Bernardo Kuster.

Buzalaf (2019), argumenta que a produção dos materiais da Brasil Paralelo, não são de um revisionismo histórico, e sim, de um negacionismo histórico e midiático. Isso demonstra uma significativa mudança nas humanidades, a partir da amplificação e disseminação de conteúdos nas mídias sociais, como televisão, youtube, facebook, entre outras mídias.

De acordo com Diego Martins Dória Paulo (2020), a empresa vem buscando construir uma espécie de revolução educacional, para implantar uma nova cultura da história brasileira. Contudo, a sua perspectiva e ação adotada é de denúncia dos conteúdos educacionais atuais, por estarem disseminando a ideologia de esquerda, segundo a empresa. Neste caso, o “comunismo” é o grande vilão da história brasileira, sendo que renomados autores, como Paulo Freire patrono da educação brasileira, tem sido transformado em vilão e aquele que desvirtuou e é responsável pelos problemas educacionais no país.

Segundo Paulo (2020), a empresa Brasil Paralelo e o atual governo, de Jair Bolsonaro, vêm criticando obras como do autor Paulo Freire nas escolas, acusando-o de comunista e que seus ensinamentos estão pautados na construção de uma revolução socialista, e dessa forma, a escolas são reféns dessa ideologia e os professores são os opressores. A partir dessa narrativa, a empresa vem produzindo e divulgando materiais, principalmente nas mídias sociais digitais, buscando modificar a história.

Roldão Carvalho e Mara Rovida (2018) argumentam em seu texto, que a Brasil Paralelo vem criticando a educação e a mídia tradicional, as colocando como responsáveis pelos problemas atuais. Os valores vivenciados hoje são colocados como a verdadeira cultura, e produzindo a falsa ilusão que a igreja, a família e a educação são prioridades para a política e com esse dilema que políticos salienta na preservação dessas entidades para garantir seus eleitores. Assim a empresa Brasil Paralelo vem querendo dizer no segundo capítulo da série “Brasil: a Última Cruzada”, que são os únicos a terem coragem de mostrar a “verdadeira história do Brasil”, e que o seu propósito é abrir os olhos dos

brasileiros para o que está acontecendo na sociedade, sendo os únicos preparados para a revolução e guerra, se necessário for, para trazer a origem da verdadeira cultura brasileira.

É perceptível pelas produções acadêmicas sobre a empresa Brasil Paralelo, que há uma preocupação sobre a produção e divulgação de conteúdos que nada contribuem para o debate acadêmico, evidenciam a polarização política que estamos vivendo e, principalmente, disseminam o negacionismo científico, principalmente, o histórico. Entendemos o negacionismo, amparando-nos em Marcos Napolitano, como um “recurso à mentira pura e simples sobre um evento ou fato histórico comprovado por fontes e por consenso de historiadores” (NAPOLITANO, 2021, p.86). Essa é uma estratégia adotada pela empresa: distorcer fatos, em prol de seus interesses ideológicos.

Para além do negacionismo, a Brasil Paralelo também realiza um segundo tipo de distorção, o revisionismo ideológico, que se trata da “apropriação seletiva de fatos igualmente comprovados, sem a devida complementação de informações, para reforçar a tese negacionista” (NAPOLITANO, 2021, p.86-87).

Observamos, pelas produções científicas sobre a empresa, que ela recorre a esses dois tipos de distorções para produção, divulgação e venda de seus conteúdos. Portanto, longe de ser “isenta”, “imparcial” ou a “verdadeira história”, a Brasil Paralelo tem por principal intuito, a disseminação de um conteúdo ideológico de direita e conservador. Para isso, constrói um “inimigo” para que possam vender o seu material como contraponto à esquerda. Os textos que debatem e pesquisam sobre a empresa vêm ratificando a existência da esquerda, do comunismo e do socialismo é vital para a construção do discurso e para manutenção do projeto político ideológico da Brasil Paralelo.

## **O Impeachment**

A empresa Brasil Paralelo vem construindo um discurso no qual a esquerda é responsável pela estruturação de um projeto hegemonia cultural, a partir da tomada do poder, mesmo que tenha chegado lá, pela via democrática. Diante disso, verificamos que alguns episódios são estruturados a partir de uma lógica do complô, no qual as políticas implementadas pelos anos do PT na presidência, teve como objetivo esse fim: dominar pela cultura. Ela vislumbra,

portanto, a propagação de uma ideologia comunista, a partir dos pressupostos culturais.

A forma, por exemplo, como o presidente Luiz Inácio Lula da Silva é representado, como aliado dos líderes, supostamente comunistas, dos países vizinhos, como a Bolívia, Cuba, Venezuela e demais, exemplifica esse discurso. Lula fez a sua sucessora, ao eleger Dilma Rousseff para a presidência do país. A leitura da Brasil Paralelo, a partir dessa continuidade, é que o partido manteve a relação com esses países “comunistas”, financiando-os, mesmo eles não honrando suas dívidas com o Brasil. Esse ponto, para os entrevistados da série “Congresso Brasil Paralelo”, mais especificamente o capítulo que discorre sobre o impedimento da presidente, foi crucial para o Brasil. Nas narrativas dos entrevistados, relaciona-se as conhecidas como pedaladas fiscais, com desvios de milhões de reais de bancos públicos federais, para manutenção das alianças políticas “comunistas”.

Diante disso, o impeachment é lido, na perspectiva da empresa, como a solução para um caos econômico e político, ocasionado pela política do PT, pautado mais na organização e manutenção de uma “revolução cultural comunista”, do que nos problemas e necessidades reais do país. Essa é uma leitura incomum e não tem respaldo nas análises acadêmicas, tampouco pela mídia tradicional, que apoiou diretamente o impeachment.

Na literatura acadêmica, o impeachment como parte do jogo político nas democracias, tem várias interpretações. Para Chalhoub (2017) a lei do impeachment brasileiro foi criada a partir da lei do impeachment dos Estados Unidos, sendo que por aqui, houve uma adaptação à realidade nacional.

O Impeachment nos Estados Unidos atua e funciona da seguinte forma: lá pode ser denunciado por qualquer pessoa, sendo do meio político, judiciário ou qualquer pessoa da sociedade, e protocolado no equivalente a Câmara dos Deputados. Uma comissão é criada para analisar o procedimento da denúncia, buscando verificar se há pertinência jurídica. Após o parecer, se verificado alguma ilegalidade, vai para o Senado, para ser analisado e uma nova comissão de investigação é criada, para verificação da denúncia. Encontrando irregularidades, segue para votação e, por fim, para um julgamento. Por lá, impeachment é considerado como crime.

O Impeachment no Brasil só pode ser denunciado por um parlamentar ou pelo o judiciário, e denunciado para a comissão especial no parlamento da Câmara dos Deputados. Se for aceita a denúncia vai para votação no plenário Câmara dos deputados e, se aprovado, é enviado para votação no Senado. Verificamos, portanto, que não há um rito tão diferente em relação ao Brasil e aos EUA. No entanto, no Brasil, dependendo da denúncia e da avaliação de investigação não é considerado como crime, mas como uma irregularidade cometida das leis constitucionais.

Jesus (2017) argumenta que, no decorrer do processo de Impeachment da presidente Dilma Vana Rousseff, antes mesmo da análise processual, o processo foi incentivado e legitimado pela mídia. O impedimento foi impulsionado pela oposição, formada em sua maioria, por partidos de centro e direita no parlamento. E por se tratar de um processo político, e ter sido condenado pelas instituições representativas do sistema política, já chegou Supremo Tribunal Federal com o veredito, sendo necessária, apenas, a ratificação. E para além das mídias tradicionais, as novas mídias digitais (Facebook, Twitter, Youtube, entre outros) também colaboraram na construção de uma legitimação midiática, para além do processo jurídico em si. Portanto, podemos alegar que antes de uma análise processual e jurídica, o impeachment teve um veredicto a *prior*, ou seja, pelas mídias e pelas elites econômicas.

E o que temos verificado é que nas mídias sociais digitais, os discursos de cunho ideológico (no caso, principalmente da direita, no episódio do impeachment da presidente Dilma), construíram uma perspectiva de conspiração da esquerda (e neste ponto se confunde esquerda com comunismo, socialismo, sem definições clara dos conceitos e práticas), para perpetuação do poder, como explicitamos acima.

Dessa forma, passou-se a disseminar uma narrativa na qual o impeachment era a única saída para salvação do país, dominado pela esquerda e por culpa dela, havia levado o país para a crise econômica e política. Não se separa, por parte das mídias sociais digitais de direita, como a Brasil Paralelo, os erros da política econômica e/ou orientação ideológica do governo. Para esse grupo (bem como para parte importante dos políticos e da mídia tradicional que apoiaram o impedimento), era necessário tirar a esquerda (e o comunismo) do poder, e o impeachment era esse meio.

Mendes (2018) argumenta que o impeachment surgiu como estratégia para a saída dos presidentes que não aceitam os acordos com a direita ou com o mercado financeiro, ou até mesmo, que não favoreciam empresários e políticos corruptos. Dessa maneira, a democracia não é a que garante o direito e o respeito ao voto da maioria da população, e a quem elegeram, mas sim o regime que garante o poder àqueles/as que atendem aos interesses das elites econômicas e políticas. Portanto com todos estes episódios acontecidos no Brasil em 2016, ocasionando o impeachment da presidente Dilma, interpreta-se a Constituição Federal, sem privilegiar a sociedade e suas escolhas políticas e, sim, atendendo aos interesses da mídia, mercado financeiro e partidos de direita.

De acordo com Tatagiba (2018), os protestos e o impeachment de Dilma Rousseff, lembra-nos que as ruas, que antes desse período eram tomadas por movimento de esquerda, buscando direitos e participação política, passaram a ser, recentemente, e incentivada pelas mídias tradicionais e organizadas pelas mídias digitais, palcos de manifestantes de direita, principalmente brancos de níveis salariais acima de dez salário mínimos, insatisfeitos com os governos do PT.

A direita é historicamente no Brasil, constituída pelas elites política e econômicas e classe média urbana. Com a chegada ao poder do Partido dos Trabalhadores, partido de centro-esquerda, a direita, que vai para oposição nos anos do PT, começa uma campanha de difamação e disseminação de *fake news*, em cima das políticas sociais criadas pelo governo, principalmente as que beneficiavam as minorias: negras, pobres, indígenas, entre outros. Esse espectro ideológico foi, constantemente, crítico aos projetos e ações sociais desenvolvidas durante os anos dos governos PT, tais como a criação do bolsa família, ampliação das cotas de negros e indígenas para ingresso nas universidades públicas, ampliação do financiamento e aumento do número de bolsas de estudos para as famílias de baixa renda, estudarem em universidades privadas.

Foi-se construindo uma narrativa na qual isso fazia parte de um projeto cultural da esquerda para se perpetuar no poder. Silva (2020, p. 78), explica que “marxismo cultural”, segundo a leitura da direita conservadora brasileira, é uma “perspectiva assumida pela esquerda ao deixar de buscar o poder pelas armas, e passar a fazer sua disputa no âmbito da cultura”. Essa leitura, segundo Silva

(2020), advém da década de 1990, a partir da interpretação de cristãos fundamentalistas, ultraconservadores e supremacistas.

Esta leitura está diretamente relacionada aos materiais produzidos pela empresa Brasil Paralelo, como veremos a seguir.

### **A Geopolítica da Nova Direita**

Precisamos compreender a ascensão da direita, e a construção de narrativas contra o “comunismo”, na contemporaneidade, como um fenômeno da política mundial e, não apenas, local. Por isso, é necessário visualizá-la a partir do prisma geopolítica.

A geopolítica, histórica e conceitualmente apresenta uma aliança de organização de determinada territorialidade, diretamente relacionada aos interesses capitalistas e a visão do mundo atlântico desenvolvido sobre o planeta. É uma ação que visa a construção de grupos aliados, seja nas guerras ou na política, mesmo que com ideais diferentes, porém com objetivos de interpretar a realidade global, a partir da lógica capitalista. E essa perspectiva geopolítica ganha notoriedade, principalmente, a partir da Segunda Guerra Mundial:

A ordem mundial que emerge do pós-guerra estava sustentada em dois pilares ideologicamente antagônicos - de um lado, o bloco capitalista liderado pelos Estados Unidos, de outro, o bloco socialista liderado pela União Soviética -, bem como trazia em definitivo o deslocamento da hegemonia do poder naval atlântico da Inglaterra aos Estados Unidos. (ALBUQUERQUE; BRIGOLA, 2011, p. 29).

A geopolítica evolui a partir da expansão marítima no século XX, com o avanço dos países sobre outros territórios. Assim os Estados Unidos, e, principalmente pautado no avanço do capitalismo, ganha força econômica, política e militar e vai dominando e controlando outros e impondo a sua potência militar, inclusive, a partir da realização de guerras, para conquistar o espaço desejado.

A partir de 1945 se estancou as guerras entre as nações imperialistas, cessando as crises militares entre as grandes superpotências, passando ocorrer, somente, em áreas periféricas, em antigas colônias ou em zonas de influência. Sendo assim, essa guerra mundial estabeleceu uma nova organização no globo.

Hoje, por mais que ainda existam os conflitos bélicos, as correlações de forças mudaram e as disputas se dão mais no plano político-econômico, principalmente entre as grandes potências mundiais. Os países (super) desenvolvidos buscaram na economia, instalando extensões de suas multinacionais e, principalmente, com a exportação de tecnologias, manter o controle sobre as áreas periféricas e seu protagonismo e acúmulo de riquezas.

Diante desse cenário, houveram mudanças substanciais nas políticas internas e, até mesmo, pressão sociais nos países, para correlações das diferenças e desigualdades nos países desenvolvidos. A propaganda e a diplomacia passaram a caminhar juntos e, em prol de um suposto desenvolvimento mundial, mas que, no entanto, era (e é) privatizando os lucros. Foi necessário a países como os EUA, ter um olhar mais dedicado aos assuntos internos e as relações com os países pobres, principalmente com os vizinhos. As pautas progressistas passaram a entrar de vez na agenda política na segunda metade do século XX e início do século XXI.

Todavia, com a crise do capitalismo a partir de 2008, abriu-se espaço para contestação dessa agenda, e a extrema-direita conservadora, passou a ter voz e vez no debate público. Segundo Jeffrey. C. Alexander (2018), um dos artifices da ascensão desse projeto político ideológico é Steve Bannon, uma espécie de “guru” da extrema direita estadunidense e foi um dos principais estrategistas da campanha presidencial de Donald Trump em 2016.

Para Alexander (2018), Bannon e Trump vislumbram o funcionamento de um país como uma empresa privada, com regras e regalias para cargos superiores, sem direitos para os menos favorecidos. Para o mesmo, os Estados Unidos é a maior superpotência global, e por isso, não deve ser curvar aos interesses de organizações e outros países desenvolvidos. Portanto, é vista como uma solução uma terceira guerra mundial e dividir em novas colônias, devido os Estados Unidos ser uma superpotência mundial. Dessa forma, não aceitam igualar o poder com outros países desenvolvidos, voltando para o imperialismo, que favorece somente a elite, de acordo, com Alexander:

Bannon é o herdeiro ideológico da reação intelectual contra a modernidade em curso desde a contrarreforma até os dias que correm. Ele é o inimigo de ideias, instituições movimentos que idealizam o universal e marcham com bandeiras utópicas

proclamando verdade, liberdade e igualdade. (ALEXANDER, 2018, p.1017).

Em relação ao contexto do autor Alexander (2018), Bannon é contra a modernidade e a evolução do mundo que vivemos hoje. Para ele o mundo está errado da forma que é levado a igualdade de socioeconômica para todas as classes sociais.

Para o professor Benjamin R. Teitelbaum, que publicou recentemente um livro sobre a ascensão da direita populista no mundo e o retorno do tradicionalismo, a principal crítica de Bannon é contra o que nova direita chama de globalismo:

Ser nacionalista por si mesmo não é o bastante, diria ele [Steve Bannon]; é preciso ser nacionalista pelos outros. Esse é o sistema westfaliano idolatrado por Bannon. O respeito pela soberania do Estado-nação é um princípio transcendente que envolve, também, o respeito pelo direito de outras nações de presidirem os seus próprios problemas: apenas uma abordagem antinacionalista concederia a um Estado a licença para intervir em problemas internos de outro Estado. Quais seriam as forças supranacionais que violaram o princípio da independência? Comunismo, islamismo radical, impérios como a China, bem como a democracia, os direitos humanos e o capitalismo universais e desvinculados de seu contexto judaico-cristão. Em outras palavras, globalismos. Uma ameaça à soberania das pessoas comuns em todos os lugares, pois, embora possa moldar o destino de uma nação, cidadãos não têm como controlar grandes e nebulosas entidades internacionais (TEITELBAUM, 2020, p. 202).

Percebe-se, portanto, que o complô da esquerda-comunista está vinculado diretamente a essas entidades internacionais que ameaça à soberania nacional e interfere diretamente na liberdade individual. Essa leitura anti-globalismo, ou de uma ascensão de um *new* tradicionalismo, chegou ao Brasil, principalmente com a vitória do presidente Jair Messias Bolsonaro em 2018, pois é possível identificar em diversas reportagens e notícias, ele, sua família e assessores, são próximos do ideólogo e estrategista da direita americana, Steve Bannon<sup>3</sup>.

---

<sup>3</sup> Entre as tantas reportagens e fotos tiradas entre Bannon e a família Bolsonaro, a reportagem publicada pelo portal Último Segundo, demonstra essa relação e, também, a estratégia do estadunidense em desacreditar instituições de outros países, como forma de combater o globalismo. Disponível em: <https://ultimosegundo.ig.com.br/brasil/2021-08-25/steve-bannon-instituicoes-brasileiras-urnas-eletronicas--pf.html>. Acesso em 16 nov. 2021.

Todavia, essa leitura já se encontrava no país antes mesmo da ascensão bolsonarista. Tanto que, o capítulo Impeachment: Apogeu à Queda, da série “Congresso Brasil Paralelo” foi postado pela empresa em 2017. E a própria discussão sobre o impeachment, em 2016, para além dos possíveis crimes fiscais cometidos pela gestão de Dilma Rousseff, teve uma leitura que demonstra as marcas da nova direita e da ideologia antiglobalismo. Uma reportagem do portal Poder 360, publicada em 17 de abril de 2021, destacava justamente o discurso do, então, Deputado Federal Jair Bolsonaro, em seu voto a favor do impeachment da presidente Dilma. Em um dos pontos elencados na reportagem, onde destaca uma frase dita pelo atual presidente (Contra o comunismo, pela nossa liberdade, conjuntamente com a estratégia antiglobalista é explicada da seguinte maneira, no texto: “O escritor Olavo de Carvalho e outros setores da direita afirmam que se trata de uma organização [Foro de São Paulo] que busca implantar o comunismo no país” (PODER360, 2021)<sup>4</sup>.

E neste momento entra em cena o “guru” da direita brasileira, Olavo de Carvalho. Se Bannon foi artífice da ascensão do novo tradicionalismo e da *Alt-Right* nos EUA, o filósofo-astrólogo brasileiro, foi durante longo tempo, o principal nome da direita, conservadora e anti-globalista brasileira. Segundo o professor João Cezar de Castro Rocha, foi Carvalho pioneiro na “tarefa de contestar a hegemonia intelectual da esquerda no plano da cultura” (ROCHA, 2021, p. 53).

As bases do ressurgimento, ou como se refere João Rocha, da saída das sombras do conservadorismo de direita e da retórica do ódio no Brasil, pautada no “olavismo”, pode ser sintetizada no seguinte parágrafo:

O resultado desse, digamos, estilo, foi a emergência do efeito Olavo de Carvalho, isto é, a difusão de uma linguagem própria e vagamente conceitual; a disseminação da *retórica do ódio* como forma de desqualificar adversários; o palavrão como argumento de autoridade; a reconstrução revisionista da história da ditadura militar; a identificação do comunismo como inimigo eterno a ser eliminado uma e outra vez (e sempre de novo); a presunção de uma ideia bolorenta de alta cultura (...) (ROCHA, 2021, p. 71-72).

Estas colocações demonstram como há uma relação próxima, entre o anti-globalismo de Bannon, o marxismo cultural de Carvalho e a ascensão da

---

<sup>4</sup> Disponível em: <https://www.poder360.com.br/governo/ha-5-anos-camara-abria-impeachment-de-dilma-e-bolsonaro-louvava-ustra/>. Acesso em 16 nov.2021.

direita no globo. A estrutura narrativa da qual partiram para construção dos personagens que emergiram no cenário político, foi a partir de mitos e mitologias políticas nas quais é possível identificar uma perspectiva de conspiração e de salvador, como veremos adiante.

Todavia, para compreender a repercussão e chegada ao poder por parte de grupos que, até então, eram “inofensivos” ou com muito pouca representação, segundo o italiano Giuliano da Empoli, é necessário entender a importância dos algoritmos que facilitaram o compartilhamento e compartimentalização dos discursos, obra do que ele nomeia como “engenheiros do caos”:

(...) esses engenheiros do caos estão em vias de reinventar uma propaganda adaptada à era dos *selfies* e das redes sociais, e, como consequência, transformar a própria natureza do jogo democrático. Sua ação é tradução política do Facebook e do Google. É naturalmente populista, pois, como as redes sociais, não suporta nenhum tipo de intermediação e situa todo mundo no mesmo plano, com um só parâmetro de avaliação: os *likes*, ou curtidas. É uma ação indiferente aos conteúdos porque, como as redes sociais, só tem um objetivo: aquilo que os pequenos gênios do Vale do Silício chamam de “engajamento” e que, em política, significa adesão imediata. Se o algoritmo das redes sociais é programado para oferecer ao usuário qualquer conteúdo capaz de atraí-lo com maior frequência e por mais tempo à plataforma, o algoritmo dos engenheiros do caos os forçam a sustentar não importa que posição, razoável ou absurda, realista ou intergaláctica, desde que ela intercepte as aspirações e os medos – principalmente os medos – dos eleitores. (...) Cultivando a cólera de cada um sem se preocupar com a coerência do coletivo, o algoritmo dos engenheiros do caos dilui as antigas barreiras ideológicas e rearticula o conflito político tendo como base uma simples oposição entre “o povo” e “as elites” (EMPOLI, 2019, pos. 175-188).

Neste ponto a ascensão da nova direita no mundo se encontra no Brasil, a partir da capacidade de viralização dos conteúdos nas mídias sociais digitais, pelos agentes dessa ideologia. E a Brasil Paralelo é um exemplo, e bem sucedido, de construção de um conteúdo que atenda a demanda desses grupos, assim como, em lucrar com essa “oportunidade ideológica”, entregando o que o professor Aldair Rodrigues (2018) chama de um produto *a la carte*.

### **Referencial teórico para análise do *corpus* documental**

Para compreendermos a estrutura narrativa da qual partem para construção de seus vídeos, precisamos entender a partir da estruturação

históricas de narrativas míticas e mitológicas da política ocidental. Para isso, vamos nos amparar nos conceitos do historiador da política, Raoul Girardet. Ele argumenta que a língua é uma linguagem muito poderosa em nossa história. E, no entanto, a língua através da linguagem, cria muitas profecias e mitos políticos, como em passagens bíblicas que descreve a vida e vinda de Jesus Cristo que é um dos maiores mitos históricos na construção narrativa do ocidente. Segundo o autor, os mitos do presente não se diferem em representação social, em relação aos mitos do passado: “os mitos políticos de nossas sociedades contemporâneas não se diferenciam muito, sob esse aspecto, dos grandes mitos sagrados sociedades tradicionais. (GIRARDET, 1987, p. 13).

Apesar do conceito usado nos dias de hoje e demonstrado no conteúdo pesquisado e relatado por Girardet, podemos hoje estar vivendo em uma sociedade de uma maneira diferente do que a sociedade de nossos antepassados, mais a história, os mitos, a cultura e sociedade vivem almejando os mesmos objetivos simbólicos, mesmo que alterando as nomenclaturas dos agentes políticos. Se antes era o rei, rainha, príncipe, condes, etc. Hoje temos o presidente, senadores, deputados etc. Conforme, Girardet menciona, há mudanças das estruturas políticas. Ou seja, não podemos comparar uma monarquia medieval com uma monarquia contemporânea, tampouco com uma república democrática. Contudo, para ele, a forma como a política atual se ampara e utiliza de mitos e mitologias, é muito próxima (mas de forma diferente no trato), de como era antigamente.

Para o historiador francês, o “mito político é fabulação, deformação ou interpretação objetivamente recusável do real” (1987, p. 13). Partimos dessa ideia para analisar nossa fonte: os/as produtores/as destes enredos trazem para o presente determinado personagem/período histórico, objetivando revisá-lo, contudo, sem problematizá-los e sim, mitologizá-lo, ou, nas palavras de Girardet, fabulando sobre eles, ao recusarem uma análise da realidade.

Todavia, essa interpretação ou, “narrativa legendária”, para Girardet (1987, p. 13), “exerce também uma função explicativa, fornecendo certo número de chaves para a compreensão do presente, constituindo uma criptografia através do qual pode parecer ordenar-se o caos desconcertante dos fatos e dos acontecimentos”. Ou seja, ao analisarmos essas narrativas, poderemos compreender, também, o porquê de elas encontrarem ressonância na sociedade

contemporânea. Um mito não se trata especificadamente de uma construção mentirosa e sim, uma fabulação explicativa (GIRARDET, 1987) e, por isso, consegue se passar por verdade em determinados meios/locais.

E uma categoria de mitologia política é importante para análise desse trabalho: O mito da Conspiração. Para Girardet, ela é movida por discursos de complôs em determinado período de determinada sociedade. Dessa maneira, “o mito do Complô tende, assim, a preencher uma função social de importância não negligenciável, e que é da ordem da explicação” (1987, p. 55), essa explicação para o historiador é:

(...) tanto mais convincente quanto se pretende total e de exemplar clareza: todos os fatos, qualquer que seja a ordem a que pertençam, acham-se reduzidos, por uma lógica aparentemente inflexível, a uma mesma e única causalidade, a uma só vez elementar e todo-poderosa. Em outras palavras, tudo se passa como se uma chave interpretativa se encontrasse estabelecida e na qual se visse inserido o conjunto dos acontecimentos do tempo presente, aí compreendidos, com certeza, os mais desconcertantes e os mais angustiantes. Por isso mesmo, o desconhecido infinitamente temível das questões sem resposta cede diante de um sistema organizado de evidências novas. O destino volta a ficar inteligível; uma certa forma de racionalidade, ou pelo menos de coerência, tende a restabelecer-se no curso desconcertante das coisas... (GIRARDET, 1987, p. 55).

Antecipamos aqui que, o complô que constrói a intriga do capítulo analisado por este trabalho, é a da culpa do Partido dos Trabalhadores, por sua origem comunista, na crise econômica, política e social brasileira. A partir dessa leitura, fica nítido que o “presente” fica inteligível para essa produção da Brasil Paralelo. Há um culpado, é necessário derrotá-lo para que o país seja salvo.

Por fim, é importante discutir sobre ideologia, pois, entendemos, que o material produzido pela empresa Brasil Paralelo é um panfleto de projeção e disseminação da ideologia de direita.

Para compreender as construções narrativas da empresa Brasil Paralelo, precisamos entender sobre os aspectos conceituais da ideologia. A ideologia possui características interessantes, pois pode ser vista de formas contraditórias: cegamente irracional e exageradamente racional. A ideologia simultaneamente tende a orientar, de acordo com seus objetivos, a conduta da sociedade, que é vivida no mundo de fantasia, com teorias por vários autores que se apaixonam

em seus pensamentos ideológicos que acabam fugindo da realidade, segundo menciona, Terry Eagleton:

Por um lado, as ideologias são apaixonadas, retóricas, impelidas por alguma obscura fé pseudoreligiosa que o sóbrio mundo tecnocrático do capitalismo moderno felizmente superou; por outro, são áridos sistemas conceituais que buscam reconstruir a sociedade de cima para abaixo, de acordo com algum projeto inexorável (EAGLETON, 1997, p.18).

Segundo o autor, a ideologia foi criada para a sociedade determinar regras, limites e valores. E, por consequência, dá poder a classe dominante sobre a classe operaria: “a ideologia é essencialmente uma questão de significado, mas a condição do capitalismo avançado, conforme alguns poderiam sugerir, é a do não-significado que a tudo permeia” (EAGLETON, 1997, p.44). A ideologia passa por despercebida pela classe oprimida, o opressor sem pudor determina suas ideologias, sem pensar no oprimido.

Conforme Mariutti (2020), a ideologia sempre está ligada a grupos particulares na sociedade, sendo que em seus estudos, ela pode passar anos e anos que nunca vai mudar, as figuras podem ser até outras e ter mudado de nome, dos mitos, linguagem e heroísmo sempre vai ser igual, sendo como outros autores e no decorrer de várias outras teorias, o proletário, o oprimido e libertação só vai estar na linguagem abstrata por que a realidade da sociedade nunca muda, sempre possui o mesmo objetivo:

A teoria autônoma questiona a tese de que o conservadorismo esteja ligado aos interesses de algum grupo particular e, portanto, seu aparecimento não depende de nenhuma constelação particular de forças sociais. Deste ponto de vista o conservadorismo é considerado como um sistema autônomo de ideias definido em torno de valores alegadamente universais como justiça, ordem, equilíbrio e moderação. Uma ideologia que, portanto, independe de grupos, classes ou ocupações específicas: é uma questão de convicção pessoal (MARIUTTI, 2020, p. 2)

Portando, para Mariutti, a ideologia conservadora tem a função de colocar regras para controlar a população e dar poder a sociedade soberana, sendo que a ideologia não tem classes sociais e não tem cargos em empresas, ela vai da convicção de cada pessoa, cada empresa, cada família e de cada sociedade de cada país. A empresa Brasil Paralelo é uma empresa que produz conteúdos

políticos e históricos, e os divulga na internet, principalmente em seu canal no Youtube, sem amparo científico, ou seja, sem consulta a literatura acadêmica, a pesquisadores/as, tampouco a levantamento documental. Sendo assim, promovem conteúdo sem lastro, gerando confusão por um lado, e por outro, através de usos do passado, constroem e disseminam a ideologia política da direita e dos conservadores no Brasil.

Trata-se, portanto, de um conteúdo de viés ideológico, que procura legitimar-se a partir do passado o seu discurso. Para Michel Löwy, o termo que mais se adequa para explicar a ideologia é “visão social de mundo”, pois são “aqueles conjuntos estruturados de valores, representações, idéias e orientações cognitivas. Conjuntos esses unificados por uma perspectiva determinada, por um ponto de vista social, de classes sociais determinadas” (LÖWY, 1991, p. 13-14). Portanto, parece-nos que, a Brasil Paralelo, mais do que revisar a história, busca apresentar sua “visão social de mundo”, através do discurso histórico. Portanto, o intuito da empresa, mais do que revisar a história, é apresentar sua “visão social de mundo”, através da construção de um determinado discurso histórico. Ou melhor dizendo, a arquitetura de seu projeto político ideológico e a forma como compreende o mundo, é originada a partir de uma (re)leitura da História. Neste caso, o passado seria um testemunho da “razão” deste espectro ideológico. Contudo, ao manipular, através de distorções desse passado, compreende-se que, a História é usada como meio para atingir determinado fim e não como “prova” de determinada realidade/verdade.

O historiador francês Georges Duby, em seu texto “História Social e Ideologias das Sociedades”, demonstra como a História pode ser usada como discurso de um determinado projeto político ideológico, em determinado tempo histórico:

[as ideologias] aparecem como sistemas completos e são naturalmente globalizantes, pretendendo oferecer da sociedade, de seu passado, de seu presente, de seu futuro, uma representação de conjunto integrada à totalidade de uma visão de mundo (...). As ideologias, que têm como primeira função consolidar, são, naturalmente, deformantes. A imagem que fornecem da organização social é construída a partir da arrumação coerente de inflexões, escapatórias, distorções, a partir de uma tomada de perspectiva, de um jogo de luzes que tende a ocultar certas articulações projetando toda a luz sobre

outras, a fim de melhor servir a interesses particulares. (DUBY, 1995, p. 132).

Haveria muito mais o que dizer, nesta relação entre o discurso da Brasil Paralelo e suas predisposições ideológicas, mas não é necessário. Esse fragmento que trouxemos do DUBY, somado a perspectiva da ideologia como uma “visão social de mundo” de Löwy, nos permite verificar como um discurso, quando realizado sem parâmetros, teoria, verificação e validação documental e bibliográfica, está para corroborar em determinado projeto ideológico. A empresa busca estabilizar no presente, uma perspectiva mítica/mitológica do passado político nacional. Para fazer isso, eles buscam uma “arrumação coerente”, a partir de “inflexões, escapatórias, distorções”, de narrativas históricas balizadas e validadas pela academia, portanto, científicas. Fazem isso acusando o outro, de impostor ou melhor, ideológico. E como não conseguem garantir e validar o seu discurso, pois lhes faltam bases, “fazem um jogo de luzes, que tende a ocultar certas articulações projetando toda a luz sobre outras, a fim de melhor servir a interesses particulares”, como diz DUBY (1995, p. 132). E esses jogos de luzes estão presentes neste capítulo, que discorre sobre o impedimento da presidente Dilma.

### **O Impeachment da Dilma Rousseff, segundo o Brasil Paralelo**

A partir da transcrição e análise do vídeo “O Impeachment do Apogeu a Queda” da empresa Brasil Paralelo, percebe-se que a empresa possui o objetivo de fomentar temáticas históricas, conforme relata no objetivo dos conteúdos políticos e históricos na série.

Nota-se que no decorrer das entrevistas os autores alegam que os maiores problemas do Brasil, atualmente, são devidos à política implementada durante os governos do PT. Em relação aos conteúdos históricos, no decorrer das entrevistas argumentam que fizeram parte dos acontecimentos históricos do Brasil, o que lhes garante, assim, lugar privilegiado de fala. Não há discussão científica/acadêmica em suas falas/discursos. Tampouco o documentário explica e traz evidências sobre o evento do impeachment.

O vídeo é a sucessão de relatos de homens brancos, muitos dos quais foram eleitos para cargos eletivos na eleição de 2018, ou ocupam cargos de

confiança, a partir da chegada da extrema-direita ao poder, concatenando com uma narração de confirmação desses relatos, e introdução de elementos de estética audiovisual, buscando a legitimação pelo estético, e não pela veracidade e cientificidade do conteúdo que está sendo apresentado. Conforme argumenta Dominique Maingueneau (1997, p. 50): “a enunciação não é uma cena ilusória onde seriam ditos conteúdos elaborados em outro lugar, mas um dispositivo constitutivo da construção do sentido e dos sujeitos que aí reconhecem”. Essa relação entre cena e discurso, o que o mesmo autor denomina de cenografia, ou a escrita da cena, explicita que a estratégia utilizada pela empresa, busca legitimar a partir da cena o que está sendo narrada, pela ausência de comprovação do que está sendo dito.

No primeiro trecho que trazemos aqui, do “guru” da direita brasileira, Olavo de Carvalho, identificamos como o vídeo utiliza dessa estratégia, de legitimar pela cena e, principalmente, a distorção de fatos históricos, para construção de um enredo:

Olavo de Carvalho: Então quer dizer que o governo militar não entendia nada o que estava se passando, o que os comunistas estavam fazendo. Eles estavam perseguindo os comunistas lá no meio do mato e os comunistas tomando as escolas. Você vê dois sinais de estupidez do governo militar: primeiro criou a sindicalização obrigatória do jornalista. Quem fez a campanha sindical? O partido comunista, como é que eu sei? Eu estava lá. Eu ajudei. Então o partido sindicalizou todo mundo, já fichou todo mundo. Então ao fim da campanha sindicalização, o partido tinha o cadastro total dos jornalistas do país sabendo quais poderiam ser colaboradores quais não, etc. e etc. Nos anos seguintes em todos os sindicatos de jornalistas do país quem mandava era partido comunista (BRASIL PARALELO, 2017).

No excerto de Olavo de Carvalho, pode ser interpretado que o governo militar não entendia como funcionava os movimentos comunistas, pois para o narrador, eles não estavam fazendo revoluções na sociedade e sim nas escolas e na educação. Eis nesta fala, um ingrediente típico do “marxismo cultural”, como relatamos anteriormente. Todavia, esse relato enfatiza também, o uso do passado como construção de um determinado projeto político ideológico. Trata-se de um negacionismo histórico, pois Carvalho realiza distorções históricas, no caso, de que foram os próprios militares responsáveis pela disseminação do comunismo na imprensa brasileira. Primeiro que não há vestígios de que a

ideologia comunista seja regra neste meio, tampouco que, essa estratégia dos militares, que na verdade, buscavam o controle e a censura dos/as jornalistas, colaborou para a disseminação comunista, até pela evidente censura e vigilância as quais sofreram os/as da imprensa e as empresas de mídias, à época.

Essa fala evidencia, também, como é a partir de um mito político, no caso o “comunismo”, que estrutura a construção do projeto político ideológico da empresa Brasil Paralelo. É a partir dessa lógica que, verificamos que o PT, representante máximo do “comunismo”, na leitura desse grupo e vitorioso na “guerra cultural”, como beneficiário de uma estratégia equivocada dos militares, durante a ditadura que, perseguiu, reprimiu, torturou e assassinou diversos setores da sociedade brasileira, inclusive de centro e direita do espectro político. Ou seja, a partir desse negacionismo histórico, distorção ideológica e disseminação de uma conspiração comunista, o enredo vai ganhando corpo, para chegar até ao processo do impeachment da presidente Dilma, em 2016.

Para Carvalho, a partir do surgimento do PT, o “comunismo” ganha força política e um projeto para tomar o poder pelas urnas, a partir da perspectiva cultural. Dessa maneira, nomes ligados a sigla, passaram a serem vinculados ao comunismo. Um dos mais famosos “comunistas” e que tem sido pivô de diversas discussões sobre ideologização nas escolas, acusação realizada por grupos da direita, é Paulo Freire, que é acusado de, a partir de seus escritos e ideias, ter buscado implantar o comunismo, via educação.

Outro intelectual que, para Olavo de Carvalho foi um dos principais proeminentes do “comunismo” na guerra cultural, foi o sociólogo Raymundo Faoro:

Olavo de Carvalho: o Raymundo Faoro foi um dos fundadores do PT. Ele tinha a teoria de que no Brasil a luta de classes não é entre proletários e burgueses é entre o povo e o que ele chamava estamento burocrático, os donos do estado os caras se apropriam da máquina estatal e a usam para sua família, por seu partido por seus amigos e etc e etc. E precisava quebrar o estamento burocrático e o PT falou “boa ideia vamos fazer isso”, só que ao mesmo tempo estava intoxicado de Antônio Gramsci e Antônio Gramsci ensinava o seguinte: nós temos que tomar o poder mediante de infiltração ocupação de espaço e revolução cultural então infiltrando aqui e outro ali eles ocuparam o estado inteiro e eles viraram estamento burocrático. Está entendendo? E portanto viraram o telhado de vidro. (BRASIL PARALELO, 2017).

Segundo Olavo de Carvalho, os comunistas foram se infiltrando na cultura política e intelectual do Brasil e nisso, expandiram sua ideologia entre as classes sociais. No ponto de vista da empresa Brasil Paralelo, os “comunistas” estavam acabando com a cultura brasileira, levando o país a falência. Tanto econômica quanto cultural.

Os depoimentos ratificam que o PT não fez nada pelo país, e que os programas que o partido colocou em prática já eram existentes em governos anteriores. Devido a isso, foi onde o país entrou em decadência quando a China parou de comprar matéria prima do Brasil e nesse momento que entrou a sucessora de Lula. Percival Puggina afirma em seu depoimento ao Brasil Paralelo:

E o PT acreditou que a China continuaria com sua presença no mercado para sempre, que os cofres do governo continuariam engordando para atender as mais desgabaritadas fantasias que transformaram o Lula numa espécie de apresentador de programa de auditório mundial, onde saía para distribuir dinheiro. Foi nessa época, nessa esteira que veio a copa do Mundo, foi nessa esteira que vieram os jogos olímpicos para o Brasil. Uma gastança irresponsável e ao mesmo tempo essa quantidade de dinheiro foi extremamente sedutora para a quadrilha já existente no congresso nacional, que conseguiu se organizar em cima de importâncias e volumes fabulosos (BRASIL PARALELO, 2017).

Um dos participantes da série Brasil Paralelo, Percival Puggina, filho de Adolfo Puggina e Eloah Oliveira, é um especialista em Doutrina Social da Igreja, que em seus argumentos é um dos críticos da Teologia da Libertação. Dentro, de suas críticas o mesmo criou a Fundação Tarso Dutra de Estudos Políticos e Administração Pública, órgão do Partido Progressista, observa-se que o envolvimento de Puggina, que criou a fundação, bem antes do Brasil Paralelo e analisando a concordância das propostas de uma empresa a outra são as mesmas dando continuidades das tramas políticas. Visto anteriormente em suas publicações nas redes sociais e de sua participação na empresa Brasil Paralelo, Percival Puggina menciona que foi a partir daí que começa o escândalo de corrupção e lavagem de dinheiro, foi no período em que Lula estava na presidência e que a quadrilha foi desmascarada.

No decorrer da abordagem da empresa Brasil Paralelo, nas entrevistas com os participantes, deduz-se que a Presidenta Dilma Vana Rousseff, que assumiu seu primeiro mandato em 2011, não tem responsabilidade em administrar o país, e desde esse momento vindo a cometer irregularidades na economia do Brasil. Conforme, a empresa Brasil Paralelo vem expondo em seus conteúdos nas mídias sociais e demais recursos, afirma-se que a sociedade se encontrava revoltada e desacreditada para o rumo que a politicagem estava levando a economia brasileira e assim, a empresa Brasil Paralelo discute a opinião e afirmando sua visão conforme exposto a seguir:

Em função dos grandes escândalos de corrupção do governo e do despertar político quando a Dilma disputou a reeleição em 2014, foi uma campanha marcada pela polarização política muito forte no país, a disputa foi muito acirrada e as pesquisas apontavam Aécio Neves, oposição de Dilma, como favorito o decorrer da campanha o resultado se inverteu o processo foi tão polarizado que no momento em que a presidente Dilma Rousseff foi eleita, surgiram muitas desconfianças sobre o processo eleitoral, por ser conduzido por uma empresa venezuelana chamada Smartmatic que manifestantes e formadores de opinião alegaram ser inaudível (BRASIL PARALELO, 2017).

O trecho, como podemos observar, é repleto de distorções. Em nenhum momento Aécio Neves despontou como favorito da disputa. Pelo contrário. Dilma sempre esteve à frente. Em pesquisa IBOPE divulgada pelo Portal G1 em 07 de agosto de 2014, Dilma marcava 38% das intenções de votos, enquanto Aécio Neves pontuava 22%<sup>5</sup>. No dia 12 de setembro de 2014, uma nova pesquisa do IBOPE traz os seguintes números: Dilma com 39%, Marina Silva com 31% e Aécio com 15%<sup>6</sup>. Apenas nos dias próximos à votação do primeiro turno, que o candidato Aécio Neves conseguiu ultrapassar Marina Silva e ir, em segundo lugar, para o segundo turno. Ao final, Dilma obteve 41,59% dos votos válidos no primeiro turno, enquanto Aécio Neves obteve 33,55%<sup>7</sup>.

Apesar de mais apertado, mesmo assim as pesquisas ainda davam a dianteira à Dilma no segundo turno. Em pesquisa da Datafolha divulgada em 22

---

<sup>5</sup> Disponível em: <https://g1.globo.com/politica/eleicoes/2014/noticia/2014/08/dilma-tem-38-aecio-23-e-campos-9-diz-pesquisa-ibope.html>. Acesso em 02 jun. 2022.

<sup>6</sup> Disponível em: <https://g1.globo.com/politica/eleicoes/2014/noticia/2014/09/ibope-mostra-dilma-com-39-marina-com-31-e-aecio-com-15.html>. Acesso em 02 jun. 2022.

<sup>7</sup> Disponível em: <https://placar.eleicoes.uol.com.br/2014/1turno/>. Acesso em 02 jun. 2022.

de outubro de 2014, a presidente marcava 52%, enquanto Aécio 48%<sup>8</sup>. Ao final, Dilma foi eleita com 51,64% dos votos válidos, totalizando 54.501.118 votos, contra 48,36% de Aécio Neves, que contabilizou 51.041.155 votos<sup>9</sup>.

Sobre a possível fraude eleitoral, por ser uma empresa venezuelana a responsável pelas urnas eletrônicas, o TSE soltou uma nota afirmando que é falsa a informação<sup>10</sup>. Mesmo assim, a informação continua a repercutir nas redes. Tanto que, ainda em 2021 outra nota explicativa do TSE<sup>11</sup> adverte para uma *Fake News*, uma tabela divulgada na internet, na qual Aécio esteve à frente de Dilma durante longo tempo, na apuração minuto a minuto.

Ou seja, para a empresa Brasil Paralelo, o fato da Dilma ter sido eleita, foi em si só, uma ilegalidade, por ter sido (sem provas, repetimos), eleita de maneira fraudulenta. Portanto, o processo de impeachment traria o país para os trilhos.

A partir dessa premissa, a Brasil Paralelo defende que as “pedaladas fiscais”, crime imputado à administração de Dilma Rousseff e pelo qual levou a sua cassação e retirada do poder, foi apenas o desfecho de uma narrativa que começou com a fraude eleitoral. O depoimento do jurista Ives Gandra Martins, demonstra com as duas situações estão co-relacionadas na perspectiva da empresa:

Agora no momento em que se mentiu para o governo e para o povo brasileiro na eleição de 2014, em que a presidente Dilma diz que tudo estava bem porque, suas pedaladas fiscais, essas pedaladas fiscais “não! mais isso não é nada, é um empréstimo”. Empréstimo proibido que não podiam fazer. A lei de responsabilidade fiscal, a constituição proibia mas fez. “Não foi nada não, só foram 40 bilhões de reais” (BRASIL PARALELO, 2017).

Neste trecho não fica clarividente, mas subentendesse que, as pedaladas fiscais foi um artifício utilizado pelo governo de Dilma para mascarar as contas e, dessa forma, conseguir se reeleita. Em nenhum momento há a discussão

---

<sup>8</sup> Disponível em: <https://g1.globo.com/politica/eleicoes/2014/noticia/2014/10/dilma-tem-52-e-aecio-48-dos-votos-validos-diz-pesquisa-datafolha.html>. Acesso em 02 jun. 2022.

<sup>9</sup> Disponível em: <https://placar.eleicoes.uol.com.br/2014/2turno/>. Acesso em 02 jun. 2022.

<sup>10</sup> Disponível em: <https://www.tse.jus.br/hotsites/esclarecimentos-informacoes-falsas-eleicoes-2018/empresa-venezuelana-e-responsavel-pelas-urnas-eletronicas.html>. Acesso em 02 jun. 2022.

<sup>11</sup> Disponível em: <https://www.tse.jus.br/imprensa/noticias-tse/2021/Julho/fato-ou-boato-e-falsa-a-planilha-que-mostra-inversoes-entre-aecio-neves-e-dilma-rousseff-no-2o-turno-de-2014>. Acesso em 02 jun. 2022.

sobre como essa prática foi recorrente em governos anteriores<sup>12</sup> e que, no entanto, nenhum outro presidente foi deposto por essa irresponsabilidade fiscal.

O testemunho de Janaína Paschoal, outra figura que ganhou prominência no processo de impeachment, chegando inclusive a ser eleita, em 2018, Deputada Estadual pelo Estado de São Paulo, percebe-se o aspecto político, em detrimento da base jurídica para o processo de retirada do poder de Dilma e, conseqüentemente, do Partido dos Trabalhadores:

Quando me perguntavam: “Janaína tem elementos para o impeachment?” Eu sempre respondia: “sobram elementos”. Eu acho que no contexto em que nós vínhamos vivendo, que o país vinha vivendo, o impeachment demorou demais. Além, além, de ser leniente com todo escândalo do petrolão, além de mandar o dinheiro que foi utilizado para pagar as empreiteiras, além de negar para o povo e para a imprensa, inclusive durante o processo eleitoral, que a Petrobras estava praticamente quebrada, com força de tudo isso que eles fizeram, essa sangria, a presidente, durante todo o processo eleitoral asseverou nos palanques, que as contas públicas estavam saudáveis. Eu lembro dos discursos. Ela chegou a dizer que ela garantia os números da economia (BRASIL PARALELO, 2017).

Vemos que, mistura-se nas palavras da Janaína Paschoal, que foi uma das signatárias da peça jurídica que levou ao impeachment, que o julgamento foi por possíveis crimes cometidos pelo PT e não, especificamente, pela gestão da presidente Dilma Rousseff. Um jargão ficou famoso à época: “pelo conjunto da obra”. Todavia, os casos vinculados ao petrolão, estava sendo analisado e julgado em outras esferas e não estavam vinculados ao processo de impeachment, tampouco à presidente Dilma Rousseff. Inclusive ela foi inocentada de todas as acusações referentes ao escândalo do petrolão<sup>13</sup>. Em março deste ano (2022), o processo jurídico sobre as “pedaladas fiscais” foi extinto pelo TRF-2<sup>14</sup>.

---

<sup>12</sup> O texto publicado pelo portal G1 apresenta argumenta que a própria AGU fez a defesa na qual, as “pedaladas fiscais” foram adotadas por governos anteriores. Disponível em: <https://g1.globo.com/politica/noticia/2015/07/agu-diz-que-pedaladas-fiscais-foram-adotadas-por-governos-anteriores.html>. Acesso em 03 jun. 2022.

<sup>13</sup> O portal G1 publicou em dezembro de 2019 a notícia da sentença que inocentou a presidente das acusações, sendo a principal, crime de organização criminosa, por suspeita de desvio de recursos da Petrobras e outras estatais. Disponível em: <https://g1.globo.com/politica/noticia/2019/12/04/justica-do-df-absolve-lula-dilma-palocci-mantega-e-vaccari-no-quadrilhao-do-pt.ghtml>. Acesso em 03 jun. 2022.

<sup>14</sup> Disponível em: <https://www.conjur.com.br/2022-mar-27/trf-extingue-acao-dilma-rousseff-pedaladas-fiscais>. Acesso em 03 jun. 2022.

É notório que, a narrativa construída pela empresa Brasil Paralelo, buscou relacionar diversas suspeitas de crimes cometidos pelo partido da presidente Dilma, de partidos de sua base aliada e, até mesmo, de terceiros, no afã de super valorizar o processo de impeachment e, também, demonizar as práticas políticas do Partido dos Trabalhadores. Mais do que isso: tentaram construir um enredo o qual, é a ideologia da esquerda, o “comunismo”, a partir da guerra cultural, que conseguiu chegar e permanecer no poder, por meios corruptos e de manipulação ideológica.

Não há no vídeo-documentário espaço para o contraditório: em nenhum momento trouxeram as personalidades, mesmo que de renome jurídico, que evidenciaram que o processo de impeachment foi um golpe político<sup>15</sup>. A intenção é justamente condenar o espectro ideológico da esquerda, representada pelo PT, na ocasião.

### **Considerações Finais**

Este trabalho teve o propósito de analisar a narrativa do capítulo seis “O Impeachment: do Apogeu a Queda”, da série “Congresso Brasil Paralelo”, produzido pela empresa Brasil Paralelo. Ao longo do texto, verificamos como os pontos do modelo explicativo do vídeo, o momento de crise econômica, a presença massiva do escândalo político no artigo apresentado teve o propósito de amplificar e justificar a saída, a partir do impeachment, da presidente Dilma Rousseff.

Para analisarmos este trabalho foram utilizados no referencial teórico e bibliográfico, teorias e estudos de autores como: Löwy e Eagleton, que discutem sobre a ideologia, Girardet sobre as mitologias políticas e Maingueneau, que descreve a importância da cena, para a legitimação de um discurso. Através deles, foi possível relacionar as estratégias ideológicas às narrativas mitológicas de quais partem a empresa Brasil Paralelo para a produção de seus conteúdos. A bibliografia com artigos sobre a empresa, ratifica essa relação.

---

<sup>15</sup> O artigo “O golpe nas ilusões democráticas e a ascensão do conservadorismo reacionário” de autoria de Marcelo Braz, detalhar o porquê o impeachment da Dilma Rousseff foi um golpe político da direita conservadora e reacionária, vinculada às elites empresariais do país. BRAZ, M. O golpe nas ilusões democráticas e a ascensão do conservadorismo reacionário. **Serv. Soc. Soc.**, São Paulo, n. 128, p. 85-103, jan./abr. 2017.

A partir das pesquisas e artigos relacionados aos conteúdos que a empresa Brasil Paralelo cita no vídeo, identifica-se que, a proposta da mesma é construir uma narrativa da direita sobre o processo de impeachment que partem do argumento, o qual, não conhecemos a “verdadeira história” e que querem dizer que toda nossa experiência cultural e histórica, foi a partir de mentiras.

A empresa Brasil Paralelo está divulgando um conteúdo de cunho revisionista histórico, pois, constroem este argumento, o qual o que vivemos é faccioso, ao invés de realidade, e que o mundo real está bem distante do que imaginamos. Deste modo, o objetivo geral desse trabalho foi analisar o capítulo seis da série “Congresso Brasil Paralelo”, para identificar as narrativas de direita e extrema-direita que constroem sobre o impeachment da presidente Dilma Rousseff. Foi possível verificar que as narrativas estão voltadas a disseminação a conteúdos vinculados a ideologia de direita. Esse é o ponto de partida para a construção e defesa do impeachment. E assim, o assunto abordado apresenta a possibilidade de uma relação entre ideologia da direita e a geopolítica contemporânea.

O Discurso ideológico da empresa Brasil Paralelo para culpar o PT pelos problemas atuais, já vem há mais de 20 anos, em jogo nas últimas décadas que era mais de que um governo de país, era uma grande audaciosa ideia de um novo sistema de poder internacional, que permitia que diversas nações se reuniram por uma única grande causa, para fundar um novo governo continental e uma nova economia, tornando-se uma única pátria, “a pátria grande”. Na visão da empresa Brasil Paralelo, este foi o grande problema que surgiu no país: o PT, o partido de esquerda comunista, que levou o país a falência, com as influências de companheiros de única ideia, sendo de países vizinhos, que não tinha uma economia estável.

Os argumentos do impeachment da Dilma é que foram através das pedaladas fiscais, que a presidente tirou dinheiro de cofres públicos para cobrir as dívidas que o Brasil tinha e que ela não tinha o direito de fazer o que fez e, também, envolvendo a mesma e o partido de esquerda no esquema de petrolão que estava sendo investigado por corrupção. Mas, sabe-se que ela não foi a primeira presidente a utilizar essa artimanha fiscal, pois presidentes anteriores fizeram uso dessa estratégia, contudo, sem levar ao impedimento de nenhum deles.

No que concerne ao aspecto mitológico da narrativa do vídeo, fica clarificado pelos depoimentos que descrevemos, como para a empresa, o Partido dos Trabalhadores fazem parte de um grande complô internacional, relacionando-a diretamente com a guerra cultural, que, a direita e, principalmente, a extrema-direita, alega ser pelos meios culturais (a partir de uma leitura enviesada das teorias do filósofo italiano Gramsci), que a esquerda (neste caso, comandada no Brasil pelo PT), conseguiu chegar ao poder e se manter por lá. Portanto, é o mito da conspiração que verificamos nestes discursos. No caso, o comunismo que sempre aparece numa clara intenção de generalizar todas as discussões da esquerda ou dos grupos políticos progressistas.

Em relação a geopolítica ao impeachment de Dilma Rousseff, usando as mídias e veículos de informação, as pedaladas fiscais foi a desculpa que foi dada pelo impeachment. Foi, apenas, uma fachada para tirar o poder de decisão parlamentar ao futuro de empresas multinacionais do Brasil como: a Petrobras de decidir se iria continuar como uma empresa estatal ou privatização para outro país administrar, sendo que Dilma e o PT nunca aceitaram privatização da Petrobras devido à dificuldade em controlar os preços do petróleo e, com isso, elevar o preço da energia para os/as brasileiros/as.

Para além de uma relação de uma geopolítica econômica, há também o viés político ideológico, como vimos. A ascensão da direita no mundo, e a chegada ao poder de uma direita extremista e populista nos EUA, com a eleição de Donald Trump em 2016, foi o farol para projetos similares. No caso particular brasileiro, a fórmula populista, anti-democrática e neoliberal chegou ao poder em 2018, com a eleição de Jair Bolsonaro. A empresa Brasil Paralelo está diretamente relacionada com essa “nova leitura” de mundo e, principalmente, com a busca desenfreada em combater a produção acadêmica e científica, principalmente em relação as produções no campo das humanidades.

## **Referências**

### **Fonte**

BRASIL PARALELO. Capítulo 6: Impeachment: do Apogeu à Queda-Congresso Brasil Paralelo. 5 abr. 2017. Disponível em: < <https://youtu.be/PZtwu0IWWHY> >. Acesso em 01 ago. 2020.

### **Sites**

ÚLTIMO SEGUNDO. Steve Bannon ataca instituições brasileiras e urnas eletrônicas, segundo PF. Disponível em: <https://ultimosegundo.ig.com.br/brasil/2021-08-25/steve-bannon-instituicoes-brasileiras-urnas-eletronicas--pf.html>. Acesso em 16 nov. 2021.

PODER 360. Há 5 anos, Câmara abria impeachment de Dilma e Bolsonaro louvava Ustra. Disponível em: <https://www.poder360.com.br/governo/ha-5-anos-camara-abria-impeachment-de-dilma-e-bolsonaro-louvava-ustra/>. Acesso em 16 nov. 2021.

G1. Eleições 2014. Dilma tem 38%, Aécio 32% e Campos 9%, diz pesquisa IBOPE. Disponível em: <https://g1.globo.com/politica/eleicoes/2014/noticia/2014/08/dilma-tem-38-aecio-23-e-campos-9-diz-pesquisa-ibope.html>. Acesso em 02 jun. 2022.

G1. Eleições 2014. Ibope mostra Dilma com 39%, Marina com 31% e Aécio com 15%. Disponível em: <https://g1.globo.com/politica/eleicoes/2014/noticia/2014/09/ibope-mostra-dilma-com-39-marina-com-31-e-aecio-com-15.html>. Acesso em 02 jun. 2022.

UOL. Uol Eleições 2014. Apuração 1º turno. Disponível em: <https://placar.eleicoes.uol.com.br/2014/1turno/>. Acesso em 02 jun. 2022.

G1. Eleições 2014. Dilma tem 52%, e Aécio 48% dos votos válidos, diz pesquisa Datafolha. Disponível em: <https://g1.globo.com/politica/eleicoes/2014/noticia/2014/10/dilma-tem-52-e-aecio-48-dos-votos-validos-diz-pesquisa-datafolha.html>. Acesso em 02 jun. 2022.

TSE. Esclarecimentos sobre informações falsas veiculadas nas eleições 2018. Disponível em: <https://www.tse.jus.br/hotsites/esclarecimentos-informacoes-falsas-eleicoes-2018/empresa-venezuelana-e-responsavel-pelas-urnas-eletronicas.html>. Acesso em 02 jun. 2022.

TSE. Fato ou boato: é falsa a planilha que mostra inversões entre Aécio Neves e Dilma Rousseff no 2º turno de 2014. Disponível em: <https://www.tse.jus.br/imprensa/noticias-tse/2021/Julho/fato-ou-boato-e-falsa-a-planilha-que-mostra-inversoes-entre-aecio-neves-e-dilma-rousseff-no-2o-turno-de-2014>. Acesso em 02 jun. 2022.

G1. Política. AGU diz que 'pedaladas fiscais' foram adotadas por governos anteriores. Disponível em: <https://g1.globo.com/politica/noticia/2015/07/agu-diz>

[que-pedaladas-fiscais-foram-adotadas-por-governos-anteriores.html](#). Acesso em 03 jun. 2022.

G1. Política. Justiça do DF absolve Lula, Dilma, Palocci, Mantega e Vaccari no processo do ‘quadrilhão do PT’. Disponível em: <https://g1.globo.com/politica/noticia/2019/12/04/justica-do-df-absolve-lula-dilma-palocci-mantega-e-vaccari-no-quadrilhao-do-pt.ghtml>. Acesso em 03 jun. 2022.

CONJUR. TRF-2 extingue ação contra Dilma Rousseff por pedaladas fiscais. Disponível em: <https://www.conjur.com.br/2022-mar-27/trf-extingue-acao-dilma-rousseff-pedaladas-fiscais>. Acesso em 03 jun. 2022.

## **Bibliografia**

ALBUQUERQUE, E. S.; BRIGOLA, H. F. Geopolítica e Ideologia na Construção da Hegemonia das Potências Atlânticas. **Sociedade e Território**, Natal, v. 23, nº 1, p. 21 – 36, jan./jun. 2011.

ALEXANDER, J. C. VOCIFERANDO CONTRA O ILUMINISMO: A IDEOLOGIA DE STEVE BANNON. **Sociologia. Antropologia**. Rio de Janeiro, v.08.03: 1009 – 1023, set.– dez., 2018.

BRAZ, M. O golpe nas ilusões democráticas e a ascensão do conservadorismo reacionário. **Serv. Soc. Soc.**, São Paulo, n. 128, p. 85-103, jan./abr. 2017.

BUZALAF, N. Márcia. Revisionismo ou Negacionismo? A Ditadura Civil-militar no Filme “1964 - o Brasil entre armas e livros (2019)”. **Intercom - Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação**. BH, set. 2019.

CARVALHO, P. Roldão; ROVIDA, Mara. Os Movimentos Milenaristas Modernos - Uma Análise Sobre o Discurso da Propaganda Ideológica. **Intercom - Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação**. BH, jun. 2018.

CHALHOUB, L. K. **Impeachment brasileiro**: um estudo histórico e comparado. 119 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Direito), Niterói-RJ: Universidade Federal Fluminense, 2017.

EAGLETON, TERRY. **Ideologia**. 1. ed.: São Paulo: Boitempo, 1997. (Ver: Capítulo 1 e 2)

EMPOLI, G. **Os engenheiros do caos**. 1. Ed. São Paulo: Vestígio, 2019.

GIRARDET, R. **Mitos e Mitologias Políticas**. São Paulo: Companhia das Letras, 1987. (Ver capítulo 1: A Conspiração).

JESUS, G. S. **Impeachment da presidente Dilma Rousseff: a legitimação do processo pelo dispositivo midiático.** Dissertação (mestrado em Letras). 100 f. São Cristóvão, SE, Universidade Federal de Sergipe, 2017.

LOWY, Michael. **Ideologias e Ciência Social.** In Ideologia, p.13-14. 7° ed: São Paulo, SP, 1991.

MAINGUENEAU, D. **Novas tendências em análise do discurso.** 3. ed. Campinas, SP: Pontes; Editora da Universidade Estadual de Campinas, 1997.

MARIUTTI, E. B. Olavo de Carvalho e a onda conservadora contemporânea.

MOURÃO, Mônica. A verdade da direita: a produção audiovisual de memória sobre a ditadura de 1964. **AVANCA**, ESPM - RJ, 2019, p. 434-442.

NAPOLITANO, M. Negacionismo e revisionismo histórico no século XXI. In: PINSKY, J.; PINSKY, C. B. **Novos combates pela história: desafios – ensino.** São Paulo: Contexto, 2021. pp. 84-111.

PAULO, Diego Martins Dória. Os mitos do Brasil Paralelo - uma face da extrema-direita brasileira (2016-2020). **RABELA**, v. 10, n. 1. jan./abr.2020.

ROCHA, J. C. C. **Guerra cultural e retórica do ódio: crônico de um Brasil pós-político.** 1. ed. Goiânia: Editora e Livraria Caminhos, 2021.

RODRIGUES, Aldair. O ensino de História na era digital: potencialidades e desafios. In: LINS, Isadora; DURÃO, Susana. **Pensar com Método.** Rio de Janeiro, 2018.pp145–175.

SILVA, M. G. Reflexões sobre o “marxismo cultural”. **Boletim de conjuntura.** v. 3, 2020. pp. 77-82.

TATAGIBA, L. Entre as ruas e as instituições: os protestos e o impeachment de Dilma Rousseff. **Lusotopie.** n. 17, p. 112-135, 2018.

TEITELBAUM, B. R. **Guerra pela eternidade: o retorno do Tradicionalismo e a ascensão da direita populista.** Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2020.

BRAZ, M. O golpe nas ilusões democráticas e a ascensão do conservadorismo reacionário. **Serv. Soc. Soc.**, São Paulo, n. 128, p. 85-103, jan./abr. 2017.